



14º CULTURA INGLESA FESTIVAL ESTRÉIA “PISCINA (SEM ÁGUA)”

DE MARK RAVENHILL, INÉDITO NO BRASIL

Texto do autor de “Shopping and Fucking” ganhou primeira montagem em 2006 pelo grupo Frantic Assembly at The Drum, em Plymouth, a sudoeste de Londres.

Uma artista plástica bem-sucedida convida seus amigos - todos artistas alternativos - para uma festa em sua nova mansão. No auge da celebração, ela sofre um acidente, entra em coma e desperta em seus convidados a ideia de transformar seu corpo em obra de arte. Este é o ponto de partida de “Piscina (sem água)” que estréia em 20 de maio no Teatro Cultura Inglesa-Pinheiros, sob direção de Felícia Johansson. Escrito por Mark Ravenhill (1966-), o espetáculo é encenado por Ester Laccava, Einat Falbel, Renato Caldas e William Amaral.

Com uma fluidez hipnótica, o espetáculo questiona os limites da arte, o vazio da sociedade consumista e a fragilidade das relações humanas, corroídas pela inveja e o ressentimento. Calcada em uma narrativa clara e coesa, a peça tem uma estrutura radicalmente livre: não há personagens fixos e as falas podem ser ditas por qualquer um deles.

Felícia Johansson empresta à montagem uma concepção extremamente plástica e coreográfica. Em cena, os atores vão movimentar painéis que, ora funcionam como biombos para velar os procedimentos médicos, ora evocam os espaços citados no texto – o hospital, a mansão e a piscina. Sobre esses painéis serão projetadas fotos e imagens, captadas pelos personagens no processo de transformar o corpo da anfitriã e seu sofrimento, em arte.

SERVIÇO

“Piscina (sem água)” será apresentada de 20 a 23 de maio no Teatro Cultura Inglesa-Pinheiros, rua Deputado Lacerda Franco 333. Sessões: quinta-feira (21h30), sexta e sábado (21h) e domingo (19h). Ingresso: um livro novo ou usado. Duração: 80 minutos. Idade: 14 anos. O teatro possui 173 lugares, acesso para deficientes físicos, ar-condicionado e estacionamento (R\$ 10,00). Os livros podem ser trocados por ingressos na bilheteria do teatro a partir de 05 de maio, de quarta a sábado, das 15 às 21 horas. Domingos, das 17 às 19 horas. Telefone: 3814-0100. Site www.culturainglesasp.com.br/festival.

ESPETÁCULO

Coincidentemente, “Piscina (sem água)” foi apresentada pela primeira vez no Reino Unido em 2006 - dez anos após a estréia de “Shopping and Fucking”, peça encenada em mais de 40 países e que alçou Mark Ravenhill ao sucesso e ao patamar de jovens dramaturgos britânicos, como Sarah Kane, Patrick Marber e Joe Penhall. Na visão do crítico inglês Aleks Siers, esta nova geração criou o “in-yer-face-theatre”, um tipo de teatro “que agarra o público pelo pescoço e o abana até que ele entenda a mensagem”. Com imagens contundentes e uma linguagem cortante, essa corrente dramática seria um reflexo da Era Thatcher, do neo-liberalismo e do capitalismo selvagem.

Na análise do Guia Britânico de Teatro, “Piscina (sem água)” é uma obra visceral que “amplia as fronteiras do teatro com autoridade e imaginação”. Tal ousadia pode ser atribuída ao fato de a concepção original do espetáculo ter vislumbrado uma montagem pelo grupo de teatro físico Frantic Assembly.

Após assistir a encenação desta companhia em Londres, Felícia Johansson apresenta uma proposta de direção que privilegia o drama de consciência vivenciado pelos personagens que, ao mesmo tempo, se deliciam e se culpam por fotografar e expor o que está por trás dos biombos do hospital.

Junto com os painéis, boias traduzem tanto o prazer e a liberdade da piscina, quanto a dor e a prisão das camas de hospital. Assim como as telas, têm transparência e leveza que refletem as projeções, os sonhos e as sombras dos personagens, evocando a superficialidade e o peso de suas consciências. Esses elementos traduzem essa piscina (sem água) como um símbolo de status, totalmente sem sentido.

DIRETORA E ELENCO

Professora de Interpretação Teatral e Dramaturgia na UnB, a atriz e diretora Felícia Johansson participou de grupos de teatro, dança e performance como Asas e Eixos, Previsão do Tempo e Cia. Nacional de Arte Atípica. Atuou nas peças “Senhora dos Afogados” e “O Jardim das Cerejeiras”, dirigidas por Hugo Rodas, além de curtas como “Sinistro”, “O Jardineiro do Tempo” e “O Perfumado”. Escreveu e atuou em inúmeros espetáculos solos como “A Peruca”, “O Chicote” e “Teatro de Mentira”, exibidos em festivais de Curitiba, Londrina e São Paulo. De 2002 a 2007, viveu em Londres, onde se doutorou em teatro na Universidade de Middlesex. Em 2006, apresentou seu esquete solo “Kaboom” no Cockpit Theatre e a peça “Kaboom: An Office Burlesque”, dirigida por Gavin Robertson, no Lakeview Theatre, Londres.

Atriz e bailarina, Ester Laccava já trabalhou dentro e fora do País, tendo participado de produções de teatro e cinema nos Estados Unidos (Chicago) e na França (Paris). De volta ao Brasil, atuou sob a batuta de diretores como Gianni Ratto (“O Mambembe”), Mário Bortolotto (“F.You Baby”, “Anos que voam...”, “Thundebirds”), Paulo Guarnieri (“A farsa da Esposa Perfeita”) e Olair Coan (“O Belo Indiferente”). Com duas peças patrocinadas pelo Cultura Inglesa Festival obteve três indicações ao prêmio Shell: melhor atriz e tradução (“Garotas da Quadra”, 2004) e melhor atriz (“A Festa de Abigail”, 2008).

Formada em Artes Cênicas pela Escola Célia Helena, Einat Falbel atuou sete anos no Grupo TAPA em peças como “Vestido de Noiva” (dir. Eduardo Tolentino), “Casa de Orates” (dir. Brian Penido) e “Morte e Vida Severina” (Silnei Siqueira). Na Cia do Feijão, seu trabalho incluiu as peças “O Ó da viagem Movido a feijão” e “Antigo 1850” (dir. Pedro Pires). Integrou o elenco dos filmes “O Ano em que meus pais saíram de férias” (dir. Cao Hamburger) e “Lula, o filho do Brasil” (dir. Fabio Barreto).

Ex-membro do Cirque du Soleil, pelo qual atuou nos espetáculos “Ka” e “Mystere”, William Amaral é formado pela Escola de Arte Dramática EAD (USP), tendo trabalhado em peças como “A Tempestade” (dir. José Rubens Siqueira), “Boca de Ouro” (dir. Yacov Hillel), “O Guarani” (dir. Carlos Alberto Soffredini), “O Rei Arthur” e “Madame Butterfly” (Naum Alves de Souza) e “Scapino”, “A Megera Domada” e “O Avarento” (Grupo Ornitorrinco). Ator circense participou dos espetáculos “Palhaçadas” (Cia de Teatro e Circo Fractais), “Urbes” (Pia Fraus) e “Clássicos do Circo” (Parlapatões). Integrou o elenco de filmes como “Lula, o filho do Brasil” (dir. Fabio Barreto) e novelas como “Tempos Modernos” (TV Globo).

Com 37 anos de experiência em palcos, o bailarino, ator e diretor Renato Caldas já participou de dezenas de espetáculos como “A Farsa de Inês Pereira” (1975), “O Almanaque” (1980), “Casa de Brinquedos” (1982), “Essa é pra dançar na rádio” (1985), “Queria que fosse eterno” (1987), “O Doente Imaginário” (1989), “Malditos Papéis” (1992), “Não Mexe Com Quem Tá Quietinho” (2007), “Terça Insana”

(2009). Por três anos, foi cenógrafo, cenotécnico e chefe de estúdio da Beca Filmes. Por indicação de Oscar Niemeyer, projetou o setor cenotécnico do teatro de Uberlândia (MG).

Ficha técnica

Texto: Mark Ravenhill

Direção e Tradução: Felícia Johansson

Elenco: Ester Laccava, Einat Falbel, Renato Caldas e William Amaral

Cenário: Marcelo Larrea

Figurino: Eliana Carneiro

Trilha: Felícia Johansson e Fernanda Galett

Informações para a imprensa com Nora Ferreira – Lu Fernandes Comunicação e Imprensa – 11 3814-4600